

Palestra de Ramón Reimunde Noreña

Sala de Atos da Deputación. Lugo, 14 de Janeiro de 2020

Carvalho Calero e a renovação pedagógica do Colégio Fingoi

Introdução.- O primeiro é dar os parabéns a todos porque já estamos no ano em que por fim se dedica o Dia da Letras Galegas a D. Ricardo Carvalho Calero, e este de hoje é um dos primeiros atos comemorativos. Será todo um ano de homenagens a quem o merece.

Será também um ano intelectualmente polémico, porque cada quem quererá adaptar o homenageado às suas posições políticas e linguísticas. Se quiseram assimilar e minimizar Castela no 86 e desde 1950, como não o iam fazer com o seu correligionário galeguista? Estão preparando-se homenagens, reedições das suas obras e sobre o autor (aqui mesmo nesta casa se imprimirá o novo *Cativeiro de Fingoi*, da mão de Joám Ramiro Cuba, que é garantia de bem fazer, onde se explica tudo o que fez D. Ricardo em Lugo durante quinze anos, e em Laoivento o magnífico livro de *Martinho Montero* ampliado), uma biografia em *Ir indo* de Paulo Mirás, banda desenhada da AGAL e mesmo congressos e festas. Cousas veremos! Todo um ano de celebrações à altura do mais importante linguista e estudioso da literatura galega do século passado. E não só, porque como escritor cultivou todos os géneros literários com grande qualidade.

Hoje aqui vou falar de D. Ricardo, -como nós sempre o chamamos, com respeito-, e da sua experiência pedagógica no Colégio Fingoi em Lugo, entre os anos 1951 e 1965. Para isso vou seguir só o capítulo 3 do livro que, como disse, confio em que o reedite esta Deputación de Lugo, capítulo titulado “Uma (maravilhosa) experiência docente chamada Fingoi”, também poderia dizer “decente” como alguns terão lido na primeira edição, e outros já me terão ouvido falar disso noutros foros, pelo que peço desculpas pela repetição e insistência no mesmo tema e argumentos.

Começarei com dous razoamentos que não figuram nesse livro nem noutras publicações minhas. A primeira é a diferença entre pedagogia e didática. Alguns terão-se dado conta de que o título desta palestra se referia à inovação didática no Colégio Fingoi, do que também falarei no relativo aos métodos e técnicas de ensino para promover a aquisição de conhecimentos, na prática, quer dizer, a arte de ensinar, de ensinar a ensinar. Porém eu falarei de pedagogia num senso mais amplo como ciência teórico-prática da educação, especialmente dirigida aqui aos meninos. Não há que esquecer que pedagogo na antiga Grécia era o escravo que acompanhava a pé as crianças ou o preceptor e educador dos menores. Nos dicionários vem a palavra pedagogia como “a ciência que tem como objetivo a melhora no processo de aprendizagem dos indivíduos em geral, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos, quer dizer, pedagogo é o que ensina e educa por doutrina e exemplos. Aparentemente, pedagogia e didática são o mesmo, referidos a essa difícil arte de ensinar bem, mas não são exatamente o mesmo no conceito. A pedagogia é teoria complexa, e a didática é prática metodológica.

Por isso me pareceu pouco feliz a afirmação referida ao professor D. Ricardo Carvalho Calero que aparece duas vezes no livro antes citado do *Cautivério* (aquela vez anterior jogando com a palavra *Saltério*, de salmos bíblicos, título de um poemário escrito precisamente em Fingoi pelo nosso autor analisado hoje), concretamente nas páginas 61 e 75. Segundo a opinião de várias pessoas, algumas talvez aqui presentes, D. Ricardo como professor era um bom didata e um mau pedagogo, por que não estava à altura dos jovens alunos e alunas, nem os compreendia. Queriam dizer que exerceria melhor como professor universitário de alunos mais velhos, o que aconteceu a partir de 1965, por certo, como primeiro catedrático de Língua e Literatura Galega da USC. Acho que se trata de uma contradição em si mesma, segundo as anteriores definições, porque se era um bom professor (isso sim, muito exigente e sério, com autoridade) com o que se aprendia muito e bem, então empregava uma boa didática fundamentada numa boa pedagogia geral. Pode-se ser bom pedagogo teórico e

mau didata prático. Todos temos sofrido algum desses professores ou professoras que sabia muito e não sabia ensinar ou resultava muito chato. Mas não se pode ser de boa didática e má pedagogia, a não ser que se sustente em ideologias perversas e ensine bem o que está mal. Não sei se me explico, mas pela minha idade eu estudei nos tempos em que *Formación del espíritu nacional* o davam os de Falange e *Religión* uns curas pré-conciliares.

Na didática do Colégio Fingoi como arte ou técnica de ensinar, como parte da Pedagogia que se ocupa dos métodos e técnicas de ensino, destinada a colocar em prática as diretrizes da teoria pedagógica, intervinham quatro elementos:

O professor e o aluno

A disciplina ou matéria

O contexto de aprendizagem

As estratégias metodológicas.

Todos eles importantes, mas não há de esquecer-se duas máximas que divulgava a doutrina da ILE, -que logo tentarei esclarecer-, uma delas que diz “*la reverencia máxima que al niño se debe*” e outra contundente “*Dadme el maestro, y os abandono todo lo demás*”. Ah! O mestre!, o *magister*, o que nos faz ter mais, o que nos educa. (Reservamos a palavra “maestro” em galego para o professor ou compositor de música). D. Ricardo foi um bom professor e mestre, quiçá com um estilo antiquado e com impressionante autoridade moral, mesmo imponente pela voz e o olhar, mas isso não impede admitir que ensinava bem. Outra cousa é o 'princípio de autoridade', e o temor e respeito que infundia no alunado, mesmo universitário, não digo já nos nenos pequenos. Eram outros tempos. Eu sei do que falo porque fum aluno dele na Universidade de Santiago, e efetivamente, era uma educação todo o culta que se quiser, mas espartana, rígida e sem lugar para a indisciplina. E estou metendo-me em terreno pantanoso... Porém sempre foi o melhor dizer a verdade por diante. Também fum professor, inovador e liberal, depois só um formador para os exames de Selectividade, mas na disciplina e rigor não admiti concessões. “Cada mestrinho tem o seu livrinho”, um livrinho para estudar a lição e praticar depois repetindo-a na aula, um estilo de oficiante desse rito e de diretor de orquestra, com os seus truques para captar a atenção do alunado. Eu também os tive, um deles era socrático e peripatético, passear pela aula. Se conseguia que me seguissem com o olhar, já estava conseguida a atenção. E D. Ricardo também os tinha: os seus acenos de tribuno romano com as mãos, os silêncios circunspectos, o olhar elevado, a suma seriedade, talvez um sorriso tímido de costas ao público escolar, e sobretudo a entoação e a voz potente. Além disso demonstrava que sabia do que falava argumentando em longas discursatas eruditas. Todo bom professor é um orador em práticas.

E tudo isto tem a ver com um segundo esclarecimento: a inovação didática do Colégio Fingoi nos seus primeiros quinze anos tem o seu fundamento pedagógico indiscutível na ILE, a Institución Libre de Enseñanza, fundada em 1866 por D. Francisco Giner.

Tanto o fundador e dono D. António Fernández, quanto o diretor e professor D. Ricardo Carvalho, estavam conformes em seguir esse modelo de ensino como transmissão de conhecimentos e método de instrução. Porque ambos os conheciam os tempos do Seminário de Estudos Galegos.

Quais eram os princípios pedagógicos da ILE, que procurava a liberdade de pensamento e métodos inovadores que lograssem ultrapassar um ensino de corte religioso e medieval, pouco científico, com tolerância? Pois eram:

. A nova relação mestre / aluno.

. Despertar o interesse nos alunos pela cultura em geral, sem disciplina férrea.

. Fomentar a saúde e higiene corporal, o decoro pessoal e hábitos e maneiras corretas.

. Sensibilidade e gosto estético com um ideal.

. Trabalho intelectual, jogos ao ar livre e natureza.

. Sem exames nem livros de texto, sem lições de memória, e sem prémios e castigos.

. Coeducação de nenos e nenas, sem discriminação da mulher.

- . Ensinando a razoar e resumir com notas breves, a redigir apontamentos.
- . Excursões escolares como processo intuitivo.
- . Cooperação com as famílias dos alunos e mescla de ricos e pobres. Mundo rural.
- . A JAE, Junta para Ampliación de Estudios, com becas no estrangeiro e na península.
- . Ser independentes, rejeitar subsídios públicos, liberdade de cátedra.
- . Procurar um humanismo integral por método intuitivo, sem homologação de títulos.

Reconhecem já que o Colégio Fingoi seguiria todas estas diretrizes, com as exceções do tempo político dos anos cinquenta, salvo talvez o caso da disciplina férrea?

Tema central .-

Pois então vamos falar um pouco do Colégio Fingoi e do seu Diretor, o tema central.

No opúsculo *Memórias e Estatutos do Colégio Fingoi* de 1960 já figurava uma descrição do Colégio, saída da pena do seu diretor:

1) Quanto à pedagogia do Colégio Fingoi, parece-nos com a perspetiva de hoje, uma maravilhosa experiência irrepetível, que semelha ter acontecido noutra país e noutros tempos mais próximos. Sem temor a exageração foi um singular caso aparte, único na Galiza, quiçá com a exceção de Antia Cal em Vigo.

D. António Fernández teve a originalidade insuspeitada de criar o melhor dos colégios possíveis para os seus numerosos filhos e de parentes ou amigos, investindo importantes somas de dinheiro numa educação de elite, muitos anos antes de que isto se considerasse rendível. Aquele “engenheiro metido a pedagogo” levava as ideias à prática com tesão. Essa era a verdadeira grandeza da vida, segundo Castelao.

Insiste-se uma e outra vez nos Estatutos no lado prático da pedagogia com o fim de capacitar os nenos para a vida à margem de todo aspeto industrial ou lucrativo:

2) Sabemos assim por numerosas declarações de alunos que em Fingoi não se utilizavam livros de texto convencionais, sim enciclopédias e livros de leitura, tomavam apontamentos na aula, não estudavam de cor, faziam contínuas investigações de campo sobre o que estudavam, cultivavam as suas parcelas de horta, plantariam e cuidariam as suas árvores, viajariam pelo país e por Espanha, saberiam o que era a matança do porco ou a compra no mercado pelas observações *in situ*, aprendiam a alimentar-se e manter um comportamento correto e higiénico na mesa, consumindo os produtos vegetais que cada um produzia, faziam literatura e teatro em vivo e realizavam práticas elementares de laboratório.

Para isso contavam no Colégio, situado no meio do campo, com parques e instalações de carácter botânico-agrícola, zoológico-gadeiro. Com oficinas e escritórios de carpintaria, eletricidade, metais, motores de explosão adaptados, laboratórios de Física, Química e Ciências, tão insólitos no Lugo de 1953. Além disso, a educação era galega, de subtil tendência galeguista, com alusão a autores galegos em Literatura, recitais de textos galegos, obras de teatro, atividades folclóricas, aulas de dança galega e gaita, com viagens por toda a Galiza aos domingos durante o curso e pelo resto de Espanha ao final do mesmo. Tudo isto era conducente a galeguizar um ensino espanholista, o qual nos parece ainda mais insólito naqueles anos da ditadura. E podia fazer-se com dissimulo, porque detrás estava D. António e a família de Antom de Marcos, pouco suspeita.

Outra das peculiaridades era o número de alunos por aula, que não podiam exceder de vinte em aulas de trinta e seis metros quadrados, com luz natural, sem competitividade nas qualificações e nos desportos, com ausência de castigos (salvo maior permanência na sala de estudos sem recreio), e sem livros de livros de texto da época.

O trabalho técnico e docente do colégio foi executado pulcramente por D. Ricardo, mesmo dando todas e cada uma das matérias de letras, servindo de tapado o Patronato de Cultura e Pedagogia, onde figuravam diretores de liceus e membros da Igreja, sem problema porque eram afetos a D.

António e concordavam com o método ou 'olhavam para outro lado'.
O Próprio D. Ricardo tem falado desta experiência pedagógica do seu ponto de vista.

3) As atividades e locais do Colégio Fingoi desde 1952 eram estas:

BIBLIOTECA, livros de consulta e leitura, que ainda lá estão.

TEATRO. Aracéli Herrero Figueroa poderia falar. Não tratarei este tema. 7G, 2L, 5C

ALUNADO E PROFESSORADO. (60 ALUNOS E ALUNAS em 15 anos)

GRANXA ESCOLA, Barreiros, Sárria. Devesa, Pousa Antelo e Plata Astrai

DANZA E GAITAS GALEGAS

ÁRVORES E PARCELAS

EXCURSÕES

CENTRO DE ESTUDOS FINGOI. Publicações: Cancioneiro popular, Pero Meogo, Versos esquecidos de Pondal e Contos populares da Província de Lugo (reeditáveis).

Professores beneficiados, Ferrín, Maria Jose Queizán e Bernardino Graña.

A FIGURA DO FUNDADOR E MANTENEDOR DO COLÉGIO FINGOI

Não queremos concluir esta palestra sem homenagear D. António Fernández, como felizmente se começou a fazer em tempos recentes, trás 50 anos de esquecimento.

Cedemos a palavra literalmente a D. Ricardo Carvalho Calero, quem no artigo “Quinze anos em Lugo” do livro *Letras Galegas* expressa o conceito que tinha de D. António:

4) Conhecendo a precisão e meticulosidade de quem as dita, temos as anteriores palavras laudatórias por rigorosamente certas e exatas, apesar da paixão contida nesta espécie de pranto pela perda do amigo e protetor e de que seja o justo pago agradecido a quem lhe dera o pão e a pousada segura em tempos difíceis.

Mas, sendo o nosso dever consultar outras fontes próximas, tivemos a oportunidade de contrastar a veracidade da versão de D. Ricardo com pessoas de ambas as famílias. A sua filha Magali Carvalho-Calero Ramos, tem-nos comentado que seu pai tinha certos problemas dialéticos com D. António, porque chocavam um idealista fronte a um técnico do ensino, já que seu pai tinha o papel de limitar o ideal de Colégio Fingoi à realidade de Lugo e de Galiza no após-guerra. D. Ricardo viveu muita tensão pelo colégio, tantas horas imerso naquela complicada organização educativa em regime de semi-interno, que exigia a sua atenção constante, sobretudo na negociação económica com o quadro de professores, que era o mais difícil.

Por outro lado, Siña Fernández, filha de D. António, de quem tem herdado entre outras qualidades paternas a discrição e a modéstia, recorda que seu pai falava em galego sempre na intimidade, que dotou do seu personalismo e tradição galeguista o colégio e que ainda tratando-se de um idealista, pensava essas ideias e punha-as em prática com caráter firme sem preocupar-se dos comentários nem da publicidade, pois se era um empresário empreendedor e ganhador noutros campos, não lhe preocupava Fingoi especulativamente pelo lado económico. Sim lhe importava muito no aspeto didático, e no pedagógico no que talvez tivesse mais discussões com D. Ricardo que, tudo há que dizê-lo, era muito bom didata ensinando e discutível pedagogo compreendendo os meninos, como sabem os ex-alunos de Fingoi. D. António dava muita importância à alimentação e ao cuidado sanitário dos alunos do Colégio, segundo a opinião da sua filha Siña, que nos diz que a família dispõe de poucas fotografias do fundador relacionadas com Fingoi ou com atividades públicas em Lugo, porque sistematicamente rejeitava as honras e a publicidade: “*Fago as cousas porque penso que hai que facê-las, non para sair nos periódicos*”, como dizia com frequência para defender-se e manter a discrição com que sempre viveu.

A professora Concepción Fernández Crespo –que o sabia muito bem por estar presente daquela– exprimiu de forma eloquente e singela a atitude e ideário de D. António: Gostava muito de ver as obras de teatro representadas pelos meninos e moças, brincar ao tempo dos gregos e dos romanos,

ou doutras culturas. Passava horas vendo as danças galegas, os ensaios de gaita, observando os alunos. Mas D. António do que mais gostava era de fundamentar tudo sobre a natureza, sobre as ciências naturais.

D. António Figueroa, médico e farmacêutico amigo pessoal de D. Ricardo e admirador de D. António, tem-nos comentado com clareza e simpatia que considerava D. Antonio Fernández como uma grande pessoa, um homem independente, idealista, o típico Mecenas no nobre sentido grego, não só em termos de dinheiro, do qual se dizia em Lugo que fizera o Colégio Fingoi para a prole dos seus próprios filhos e que se supunha que lhe custava quartos, ainda que sobre isso havia uma certa reserva porque D. António tinha, como bom empresário da família Fernández, uma forma muito especial de pagar e de contratar de palavra. Segundo Figueroa, pagava pouco e não existiam pagas extraordinárias, um invento, para ele, franquista. Opina –porque o sabe de boa fonte– que Carvalho Calero era leal a D. António, com quem sustinha discussões avondo, sendo o diretor partidário de que se constituísse em Padroado pela questão da economia, pela segurança social e outros temas laborais do professorado. Acredita que a sociedade luguesa chegou a respeitar os dous, ainda que também houvesse, na altura, fundamentalistas em Lugo que os olhassem com receio, inveja ou desconfiança.

Esta última opinião exposta faz-nos recapacitar, neste nosso intento de reconstruir uma época da vida luguesa, que desconhecemos por não a ter vivido diretamente. Porque há algo obscuro nesse passado lucense do pós-guerra, que nos impede de ver bem.

Com toda a admiração e respeito por aquela doutrina educativa e galeguista do Colégio Fingoi, mesmo com clara simpatia face a ela, não entendemos por que foi rejeitada e não foi seguido o seu exemplo, ainda entendendo as circunstâncias políticas da época. Produz-nos surpresa e desilusão comprovar que na altura de meados do século XX este Colégio Fingoi aqui sintetizado, foi discutido em Lugo, tachado de progressista e 'esquerdista' quando a sua ideologia era conservadora, olhado com reticências pelo seu galeguismo ligeiro, acusado despectivamente de idealista pelos técnicos do ensino oficial, de pouco formador em matérias indispensáveis para um estudo técnico e com saídas laborais, quando era prático, salientando o inconveniente de ser caro (800 pts / mês), frente à gratuidade do ensino oficial, quando proporcionava bolsas para estudantes rurais e não era só de alunos ricos de famílias 'progres' como se pensava, ignorada pelas instituições e pelos jornais a sua originalidade e peculiaridades por ser misto e laico, e depois de tudo, castigado pela sociedade luguesa conduzida subtilmente por quem ostentava o poder real, com o pior dos desprezos de ignorá-lo, porque a verdade é que não mandavam os seus filhos estudar ali, como se deduz do limitado listado de alunos que estiveram inscritos nessa época entre 1950 e 1965, os mais afortunados culturalmente.

Na realidade o Colégio Fingoi seria discutido e questionado pelas mesmas causas que o eram o seu fundador e o seu diretor, todo um luxo para aquele tempo e lugar. Não queremos pensar que também atuaria a inveja e o complexo que a gente do comum sente pelos indivíduos excepcionais a quem não perdoam a sua singularidade e valia. Ou a ignorância de um povo desconfiado e mal educado, que as forças vivas mantiveram sempre mal informado ou subtilmente submetido. As cidades e os povos não chegam a conhecer o melhor e os melhores que tiveram ao seu arredor. Agora os tempos são chegados de compensar isso.

D. António Fernández, que foi um dos melhores cidadãos que teve Lugo, morreu aos sessenta e oito anos, em 1971. Este engenheiro de caminhos de família abastada e bem preparada para os negócios, estudara em Madrid entre 1920 e 1930, onde também se fizera arquiteto auxiliar, sendo criador de empresas industriais muito importantes como Celtia, Transfesa, Cimentos Cosmos, Calfensa, Prebetong e Cegrán; emprestou grandes serviços à cultura galega com empresas culturais como o Museu de Lugo, a Oficina de Gaitas, os Cursos Agropecuários da Granja-Escola de Barreiros, os

Cursinhos de Primavera do Círculo das Artes, o Centro de Estudos Fingoi com as suas publicações e bolsas para estudantes e com a sua participação na fundação da editorial Galaxia, e sobretudo, para o que a nós nos interessa aqui, fundou aquela maravilhosa experiência pedagógica do Colégio Fingoi, que nos tem ocupado hoje e nos tem produzido sempre tanta admiração. Louvado seja por isso, e por isso também, lembrado na posteridade.

D. António Fernández, nascido em 1903, conheceu sem dúvida os avanços pedagógicos e inovadores da ILE. A sua irmã esteve na Residência de estudantes de Madrid. Os seus irmãos Fernández, sobretudo José, fundador da Pescanova, bem como D. Ricardo, estudaram em Santiago na década de vinte e tiveram amigos galeguistas com bolsas da Junta de Ampliación de Estudios, sendo admiradores das Misiones Pedagógicas e do Instituto Escola.

Aliás, a independência e neutralidade ideológica do Colégio Fingoi nos primeiros tempos é inegável, apesar do seu galeguismo tímido e tradicional permitido. Acolheu professores represaliados e afastados da cátedra pelo franquismo, entre eles o próprio D. Ricardo, D. Vicente Devesa, D. Avelino Pousa Antelo e outros.

Conclusão.-

Portanto, a conclusão final é que tanto D. Ricardo, como D. António, como o próprio Colégio Fingoi, são uma experimentação nos anos 50 dos princípios da ILE, adaptada à nossa cultura na medida em que lhes foi possível pelos tempos da ditadura que lhes tocou viver. Foi aquela uma decente experiência inovadora, da que foi muito grato falar-vos em Lugo e que os lucenses não devíamos ignorar nem esquecer.

Finalmente direi, que penso que a figura de D. Ricardo Carvalho Calero, ressuscitada este ano 2020 trás trinta de ostracismo oficial, é uma estrela na constelação das nossas letras galegas que brilha com luz própria e poderosa, uma luz tão intensa que não será possível apagar e ocultar pelos seus detratores, como algumas instituições pretendem por não estar de acordo com as suas ideias dos seus últimos dez anos, plasmadas felizmente em muitos livros, sobre a integração da nossa língua milenária na lusofonia internacional quanto a sua escrita, não a sua pronúncia como podem observar, quem sempre seguiu a trajetória clássica dentro do galeguismo mais tradicional e autêntico, do Partido Galeguista e Castelao.

Eu pessoalmente fiquei sempre muito orgulhoso e feliz de ter sido um dos seus alunos e discípulos nessa doutrina, talvez o menor, mas não por isso deixei de ser um dos mais ativos e fieis defensores do nome e personalidade do nosso professor D. Ricardo, sempre que me foi possível e com as minhas limitadas forças, sem fazer apologias exageradas que não são precisas pelos méritos patentes do protagonista do filme, já que sobrados doutores tem o reintegracionismo da Santa Mãe Academia Galega da Língua Portuguesa que o souberam fazer melhor que este humilde membro dela, e com quem espero estejam afinal conformes e convencidos os ilustres presentes que tiveram a paciência de escutar-me hoje, a quem muito agradeço o seu interesse e atenção. Disse.